

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maysa Pereira Araujo

**LUGAR DE MULHER É ONDE DEUS QUIZER: A PRESENÇA FEMININA NAS PRÁTICAS E NO
COTIDIANO RELIGIOSO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

Juiz de Fora

2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MAYSA PEREIRA ARAUJO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202173006A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **LUGAR DE MULHER É ONDE DEUS QUISER: A PRESENÇA FEMININA NAS PRÁTICAS E NO COTIDIANO RELIGIOSO**, desenvolvido durante o período de 22/04/2025 a 15/08/2025 sob a orientação de MARIA CECÍLIA DOS SANTOS RIBEIRO SIMÕES, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 15 de Agosto de 2025.

MAYSA PEREIRA ARAUJO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

LUGAR DE MULHER É ONDE DEUS QUISE: A PRESENÇA FEMININA NAS PRÁTICAS E NO COTIDIANO RELIGIOSO

Maysa Pereira Araujo¹

RESUMO

O presente artigo busca apresentar sobre a presença feminina nas práticas e no cotidiano religioso, propondo uma reflexão crítica sobre o papel das mulheres nas diversas tradições de fé, a partir da provocação contida na frase “Lugar de mulher é onde Deus quiser”. O estudo parte da compreensão de que a fé pode ser tanto espaço de opressão, quando reforça estruturas patriarcais e desigualdades de gênero, quanto de empoderamento, quando reinterpretada e vivida a partir das experiências femininas. Utilizando metodologia qualitativa e revisão bibliográfica, o artigo aborda a atuação das mulheres em comunidades religiosas, destacando seu protagonismo invisibilizado. São exploradas experiências em religiões cristãs, afro-brasileiras e espíritas, evidenciando como as mulheres sustentam práticas de cuidado, ensino e liderança, mesmo sem reconhecimento institucional. No campo do diálogo interfés, as mulheres emergem como mediadoras e construtoras de pontes, articulando espiritualidade e justiça de gênero. A pesquisa conclui que reconhecer e fortalecer essa presença é fundamental para transformar os espaços religiosos em lugares mais inclusivos, libertadores e comprometidos com a dignidade de todas as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Fé. Espiritualidade. Religião. Feminina.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: maysa.araujo@estudante.uff.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

1. Introdução

O tema escolhido justifica-se, principalmente, pela necessidade em se repensar a religião a partir de uma perspectiva de gênero. Muitas religiões defendem valores como amor, acolhimento, solidariedade e justiça, mas ainda assim vemos muitas situações em que são reproduzidas atitudes misóginas, discriminatórias e hierarquizadas. Porém, a fé não deve ser analisada apenas como instrumento de dominação, pois nesses contextos muitas mulheres encontram sentido e força espiritual para superarem as transgressões cotidianas e assim se tornarem agentes de mudança, tornando a fé ferramenta de ressignificação e poder.

A expressão “lugar de mulher é onde ela quiser” carece de autoria ou fonte acadêmica definida, mas ainda assim se tornou um lema popular amplamente difundido na cultura brasileira contemporânea. Essa frase surgiu como uma resposta à visão tradicional que limitava a mulher a determinados espaços e tem sido utilizada como símbolo de empoderamento feminino e desafio às normas patriarcais. Para abordar o âmbito religioso no artigo e trazer uma provocação teológica, cultural e social, substituí a palavra “ela” por “Deus”, que resultou na frase “lugar de mulher é onde Deus quiser”. Por muitos séculos as mulheres sofreram com silenciamento e subalternização no âmbito religioso, e essa frase é um grito de denúncia às estruturas patriarcais que ainda estão presentes nas instituições religiosas e um anúncio de como a presença feminina na fé, espiritualidade e diálogo é transformadora.

Em inúmeras tradições religiosas as mulheres representam a maioria das fiéis, das voluntárias e das responsáveis por manter vivas práticas litúrgicas, rituais, ações comunitárias e redes de cuidado, dessa forma, a presença feminina na vivência cotidiana da fé é um fenômeno incontestável. Os resultados do Censo Demográfico 2010 e os dados preliminares do Censo 2022 do IBGE confirmam que as mulheres são maioria entre os fiéis na maioria das religiões brasileiras, com exceção de categorias como “sem religião” e algumas tradições indígenas. Embora os censos como o do IBGE não capturem de forma detalhada a participação feminina em atividades religiosas como voluntariado, liderança informal ou organização de eventos comunitários, vasta literatura acadêmica indica que as mulheres são maioria absoluta nas práticas de cuidado, ensino e acolhimento nas comunidades de fé brasileiras. Pesquisas sobre pentecostalismo evidenciam que são elas que lideram grupos de oração, coordenam projetos sociais e organizam celebrações, ainda sem acesso à liderança formal (CORTEN, 1996). Autoras como Ivone Gebara e Regina Soares Jurkewicz enfatizam esse protagonismo, destacando que é por meio da espiritualidade feminina que as atividades e redes de fé se sustentam. Nas religiões afro-brasileiras e no espiritismo, estudos etnográficos registram que são as mulheres que mantêm a tradição ritual e o acolhimento comunitário, ocupando funções de liderança espiritual e social mesmo em contextos de invisibilidade institucional (LANDES, 2002; CONCONE, 1987). Porém, toda essa participação feminina ativa entra em conflito, visto sua histórica ausência em espaços de poder institucional e construções teológicas, que são em sua grande maioria ocupados por homens.

A nítida contraposição entre presença e reconhecimento levanta debates profundos sobre o lugar da mulher nas religiões, e para isto esse artigo se organizou a partir de três pontos principais. Primeiramente será discutida a ambiguidade da fé como lugar de opressão e de empoderamento para as mulheres, dependendo de como os textos sagrados são interpretados, das lideranças religiosas e da cultura que molda a prática religiosa. Em segundo lugar, analisaremos a presença feminina na vivência religiosa brasileira, com destaque para seu protagonismo invisibilizado. Por fim, pesquisaremos sobre a atuação das mulheres no campo do diálogo inter-religioso, com destaque em seus papéis como construtoras de pontes entre diferentes tradições, especialmente quando o diálogo está ligado à luta por justiça social e à promoção da cultura de paz. Acrescento que o aspecto inter-religioso também é essencial para este artigo, pois vivemos em um mundo globalizado e marcado por tensões culturais, se tornando cada vez mais necessária a promoção de um diálogo entre as religiões, como caminho para o respeito mútuo e a construção de uma cultura de paz. As mulheres têm se destacado nesse campo como articuladoras de redes inter-religiosas que transcendem dogmas e focam em valores éticos compartilhados, como a solidariedade, a justiça e a dignidade humana.

Considerando o cenário religioso brasileiro, dados recentes do Censo Demográfico 2022 (IBGE) revelam que o catolicismo diminuiu de 65% para 56,7%, enquanto os evangélicos aumentaram de 21,6% para 26,9% da população. As religiões de matriz africana, embora ainda minoritárias, triplicaram sua presença, passando de 0,3% para 1% da população, o maior crescimento proporcional entre os grupos analisados. O grupo que se declara sem

religião também cresceu, de 7,9% para 9,3% em apenas 12 anos. Além disso, as categorias de “outras religiosidades” passaram de 2,7% para 4%, e as tradições indígenas, que eram praticamente invisíveis nos recenseamentos passados, aparecem agora com 0,1%. Esses dados mostram a diversidade e o sincretismo existente, mas também devemos destacar o protagonismo feminino como uma realidade cotidiana, desde as pastorais nas igrejas cristãs até os terreiros de candomblé liderados por mães-de-santo, passando por expressões em tradições orientais e no espiritismo. A conjunção entre os dados censitários e as pesquisas qualitativas evidenciadas permitem afirmar que a predominância feminina nas práticas religiosas brasileiras não é apenas numérica, mas se traduz em responsabilidade prática: voluntariado, organização de rituais, cuidado comunitário e reprodução das tradições. Essa presença merece ser valorizada e estudada, ainda mais diante do crescimento de vertentes religiosas que reafirmam papéis de submissão e exclusão de gênero em nome da doutrina.

Por fim, a metodologia utilizada será de caráter qualitativo, baseando-se em pesquisa bibliográfica e análise crítica de textos acadêmicos, teológicos e sociológicos. Serão reunidos autores e autoras que discutem a religião sob três perspectivas complementares: a ótica feminista, a teologia da libertação e o diálogo inter-fés, bem como dados estatísticos que evidenciam a presença feminina nas religiões no Brasil. No campo feminista, destacam-se Ivone Gebara e Regina Soares Jurkewicz, que não só falam de teorias como da vida concreta das mulheres, questionando as estruturas patriarcais presentes nas instituições religiosas e evidenciando como a fé pode ser tanto prisão quanto libertação para as mulheres. Ao lado delas, Angélica Tostes traz uma contribuição muito viva e atual, com histórias e reflexões de mulheres que permanecem na igreja em meio ao machismo e transformam esses espaços. Seguindo pela teologia da libertação, Ivone Gebara nos lembra que a luta por justiça social e dignidade é inseparável da luta das mulheres, especialmente na América Latina, onde a fé e a vida cotidiana se entrelaçam. Já no âmbito do diálogo entre religiões, o autor Cláudio de Oliveira Ribeiro mostra que colocar diferentes tradições para conversar é também um modo de romper muros e criar novas pontes que levam a uma cultura de paz. Neste momento a presença feminina faz a diferença ao carregar consigo uma maneira própria de construir relações, e diante deste cenário a contribuição de Kwok Pui-lan é essencial. Com uma perspectiva pós-colonial e intercultural, ela nos convida a pensar sobre como as mulheres de diferentes tradições religiosas e culturais se encontram e compartilham experiências, aprendendo umas com as outras e questionando as desigualdades que atingem desde a sociedade as comunidades de fé. Essas autoras e autores foram escolhidos, pois, suas obras dialogam diretamente com os objetivos deste trabalho, possuindo relevância acadêmica e consistência teórica. Cada voz traz consigo um modo de compreender como as mulheres têm se levantado para transformar o espaço religioso num lugar onde sua presença não seja apenas aceita, mas reconhecida como fundamental. O trabalho se propõe, então, a contribuir para a reflexão sobre os desafios e possibilidades quando se olha para a fé com os olhos da mulher – olhos esses que estão orando, cuidando, questionando e construindo o nosso dia-a-dia.

2. A Fé como Espaço de Empoderamento e Opressão Feminina

Quando o assunto é religião e gênero não temos um ambiente neutro, essa relação sempre foi marcada por tensões e disputas. A religião ao longo do tempo tem servido de instrumento para validar a subordinação das mulheres, de forma a naturalizar a desigualdade social entre os papéis e promover as estruturas patriarcais. Ivone Gebara aponta que as tradições religiosas, sobretudo no contexto latino-americano, muitas vezes reforçam o controle sobre o corpo e a vida das mulheres, impondo modelos fixos de feminilidade que limitam sua autonomia (GEBARA, 1997). Porém, a religião também tem servido de terreno fértil para processos de empoderamento e libertação, onde inúmeras mulheres tem encontrado sentido, comunidade e dignidade através da fé. Para Gebara, esse potencial libertador surge quando as próprias mulheres reinterpretem textos sagrados, resgatam figuras femininas esquecidas e assumem papéis de liderança nas comunidades. Nesse sentido, Kwok Pui-lan amplia a análise ao destacar que, mesmo em contextos marcados por colonização, racismo e patriarcado, as mulheres não se limitaram às interpretações impostas pela tradição. Ela defende que as experiências espirituais podem abrir caminhos para novas narrativas, onde fé e luta por justiça caminham juntas (KWOK, 2005). Entender essa dualidade se torna essencial para estudar como a religião se encaixa como opressora e, ao mesmo tempo, fonte de empoderamento para as mulheres.

2.1 Fé, Poder e Resistência: A Presença Feminina nas Estruturas Religiosas Patriarcais

Alegar que a religião é fonte de opressão não é o foco, mas sim a necessidade de reforçar como determinadas interpretações e institucionalizações da fé podem servir como forma de controle social e político. A opressão sentida pelas mulheres é construída historicamente por meio de escolhas doutrinárias e culturais, se tornando inevitável. Como aponta Ivone Gebara, teóloga feminista cristã:

"Se um tipo de pensamento é realizado sempre por homens, o pensamento seguirá normas e padrões mais ou menos idênticos e os produtores de pensamento se habituarão de tal forma que não serão capazes de acolher quando grupos diferentes, por exemplo, de mulheres, fizerem afirmações diferentes em relação ao mesmo conhecimento, porém de outra perspectiva e experiência corporal" (GEBARA, 2020, n.p.).

Em tradições religiosas como o cristianismo, islamismo e hinduísmo temos as estruturas institucionais moldadas por homens e para homens, assim como a leitura literalista e hierarquizada de textos sagrados, que frequentemente serviram como justificativa para inferiorizar a mulher, excluí-las de cargos de liderança e impor critérios morais rígidos sobre seus corpos e comportamentos. No cristianismo, um dos textos mais conhecidos sobre a origem da humanidade é o de Eva, criada a partir da costela de Adão e tradicionalmente associada a expulsão da humanidade do paraíso ao comer o fruto proibido. Em muitas leituras, especialmente as mais difundidas ao longo da história, essa narrativa serviu para reforçar a imagem da mulher como a primeira pecadora, ligada à tentação, ao erro e à submissão ao homem. No entanto, devemos lembrar que essa não é a única interpretação existente. Quando trazemos leituras contemporâneas e feministas para a Bíblia outras compreensões surgem, por exemplo a de que Eva é uma figura que busca o conhecimento e a liberdade, características essas que são vistas como parte da dignidade humana.

Mesmo diante das limitações impostas por estruturas religiosas marcadas pelo patriarcado, muitas mulheres seguem encontrando na fé uma fonte real de força, tanto no plano pessoal quanto no coletivo. Essa espiritualidade, que se constrói no dia a dia das comunidades, carrega traços de resistência, criatividade e uma enorme capacidade de ressignificar experiências de dor, silêncio e exclusão.

Regina Soares Jurkewicz, teóloga feminista que estuda as relações entre religião e gênero, também observa que a experiência religiosa das mulheres carrega uma ambiguidade. Segundo ela, muitas mulheres, especialmente nas periferias, reinterpretem sua fé a partir de suas próprias experiências de vida, tomando Deus como uma presença próxima, solidária e libertadora, e não como um juiz. Essas reinterpretações fazem surgir formas de religiosidade engajadas com a justiça e que se opõem a desigualdade e ao silêncio imposto sobre as vozes femininas.

Nos terreiros de Candomblé podemos encontrar um exemplo convincente desta situação, onde as mães-de-santo possuem papéis de liderança social e espiritual. Conduzidos em sua grande maioria por mulheres negras, esses espaços oferecem uma alternativa às tradições patriarcais, valorizando a ancestralidade feminina e sendo fonte de acolhimento, escuta e cura (PRANDI, 2005; SILVA, 1995). Além da experiência religiosa temos também a luta contra o racismo, o machismo e outras práticas que excluem as pessoas, sendo um exemplo de campo de resistência interseccional (NASCIMENTO, 2003).

Para além disso temos as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), os círculos bíblicos e as pastorais sociais, onde a presença e atuação das mulheres é ponto decisivo para que se construa uma espiritualidade unida à justiça. Esses lugares se transformam em espaços de formação, reflexão e organização, sendo inspirados pela Teologia da Libertação e ampliados pela crítica feminista teológica. Nestas posições as mulheres anunciam a fé e denunciam as estruturas de opressão que perpetuam desigualdades de gênero, classe e raça, exercendo papéis de liderança e protagonismo. Essa atuação corresponde a uma prática pastoral engajada, onde elas se posicionam como agentes de transformação em suas comunidades (BOFF, 1986; GEBARA, 1997).

2.2 Fé, Corpo e Libertação: Ambivalências da Experiência Religiosa Feminina

Os corpos e comportamentos femininos historicamente sofrem com imposições religiosas, que justificando a preservação de valores morais, reforçam os mecanismos de opressão patriarcal. A sexualidade feminina no contexto cristão é frequentemente associada à ideia de pureza, pecado ou submissão, o que não se aplica de forma equivalente aos homens (RUBIO, 1995; GEBARA, 2007). No campo da teologia feminista latino-americana, Ivone Gebara denuncia que a associação entre sexualidade feminina e pecado é um dispositivo de controle simbólico e social, que mantém as mulheres afastadas da plena autonomia sobre seus corpos e desejos (GEBARA, 2000). Termos como “castidade”, “modéstia” ou “virtude”, são frequentemente utilizados como forma de regular a vida das mulheres por meio de uma pressão moral e seletiva, cobrando delas comportamentos mais rígidos enquanto naturalizam a liberdade sexual masculina.

Há um costume social em deixar de lado os impactos em cima dessas cobranças, mas neste artigo irei citar três, respectivamente: a culpabilização das vítimas de violência sexual, a repressão da autonomia reprodutiva e a exclusão de mulheres que rompem padrões normativos.

A responsabilização da vítima, especialmente em casos de violência sexual, é algo enraizado em contextos religiosos mais conservadores, onde muitas mulheres são questionadas por sua postura, vestimenta e comportamento, como se esses fatores justificassem a ação do agressor. A responsabilidade nesses casos costuma ser passada do agressor para a vítima, resignificando um crime como uma suposta “falha moral” por parte da vítima. O impacto é intensificado quando esses julgamentos partem de líderes ou membros da própria comunidade religiosa que deveriam ser fonte de apoio emocional e espiritual, produzindo nas vítimas um sentimento de culpa e vergonha que levam muitas vezes ao silêncio e isolamento, dificultando a busca por um apoio psicológico e justiça.

A autonomia reprodutiva feminina, que abrange desde o acesso a métodos contraceptivos até o direito ao aborto legal, sofre com manifestações contrárias por parte dos setores religiosos, que alegam que tais práticas ameaçam a moral e os valores da família. Esses posicionamentos ignoram o impacto na saúde física e mental das mulheres, além de impor em alguns casos uma maternidade compulsória que reforça a ideia de que o corpo da mulher não a pertence. Essa visão transforma a capacidade reprodutiva em um dever moral absoluto, sem levar em consideração o direito da própria mulher de decisão sobre seu corpo e sua vida.

As mulheres que desafiam os papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino, como as divorciadas, mães solas, LGBTQIAPN+ ou aquelas que exercem funções de liderança não tradicionais, sofrem constantemente com resistência ou marginalização dentro dos espaços religiosos. Muitas vezes são vistas como desobedientes ou pecadoras, criando barreiras para sua participação comunitária, influenciando a vivência da fé e a sua autoestima. Quando são deslegitimadas, a mensagem que fica implícita é que sua dignidade está condicionada em manter os padrões patriarcais.

Em todos os casos apresentados é notável como corpo feminino passa a ser alvo de censura e disputa simbólica, como se fosse constantemente observado e fonte de decisão sobre sua dignidade perante Deus.

No entanto, tem sido nesses contextos que muitas mulheres têm resignificado suas experiências religiosas, questionando tais narrativas e propondo novas formas de vivenciar a fé. A partir da teologia feminista, da atuação em movimentos populares e da criação de espaços religiosos mais inclusivos, muitas mulheres são exemplos de coragem ao afirmar que seus corpos não devem ser vistos com culpa ou vergonha, mas sim como fonte de dignidade e expressão do sagrado. Essa resistência não está presente apenas em teorias, temos atualmente mulheres liderando grupos de oração, ensinando, acolhendo, organizando ações solidárias, lutando por moradia, saúde e dignidade aos menos favorecidos, e, mesmo que não ocupem cargos formais de liderança, são elas que sustentam o cotidiano das comunidades de fé.

A crítica feminista à religião não possui intenção de negar a espiritualidade, mas de denunciar o uso da fé como instrumento de dominação. E, isso tem feito com que os espaços religiosos se transformem em espaços de acolhimento e rede de apoio para as mulheres.

Também, a teologia feminista tem avançado e possibilitado uma nova leitura das escrituras e tradições a partir da ótica das mulheres, iluminando caminhos para uma fé que não oprime, mas liberta. Como confirma Ivone Gebara ao dizer “Não negamos as tradições passadas, mas queremos reinterpretá-las hoje para responder aos desafios do presente, diante dos quais queremos ter voz ativa” (GEBARA, 2020, n.p.).

3. Fé que Move Mulheres: Experiências Religiosas Femininas no Brasil

O Brasil é composto por uma pluralidade de tradições, apresentando uma diversidade religiosa única e possuindo expressões complexas de identidade cultural, e nessa mistura a presença feminina se torna central. As mulheres representam a maioria dos participantes nas atividades religiosas, e como já mencionado sustentam as práticas de fé cotidianas, mas, ainda assim esse protagonismo esbarra em estruturas que limitam sua atuação em decisões importantes e em cargos de liderança formal.

3.1 Um Brasil de Fé Feminina

Ao analisarmos os dados do Censo do IBGE de 2010, observaremos as mulheres como a maioria em praticamente todas as confissões religiosas no Brasil. E, ao analisarmos o Censo de 2022 vemos que o padrão se mantém em quase todos os grupos, reforçando a presença constante e ativa das mulheres nos rituais e comunidades religiosas. Um ponto de destaque é que mesmo em religiões que elas são a maioria, continuam em grande parte sem acesso ao poder dentro das comunidades religiosas e sem reconhecimento das instituições. No entanto, mesmo diante dessas restrições, as mulheres continuam construindo caminhos de espiritualidade, cuidado, resistência e liderança.

Quando se trata de religiões de matriz africana, o protagonismo feminino se faz mais presente e reconhecido, com lideranças femininas que ocupam posições máximas dentro da hierarquia religiosa, como exemplo as mães-de-santo e iyalorixás. Já no espiritismo kardecista, a mulher tem atuações de destaque participando como médium, doutrinadora, evangelizadora infantil e coordenadora de grupo de estudos. Nas tradições cristãs, a participação feminina também é expressiva, apesar das barreiras institucionais. No catolicismo, por exemplo, são as mulheres que em grande maioria mantêm a vida comunitária em movimento, sendo as mãos que sustentam a fé no dia a dia ainda que o sacerdócio lhes continue vedado.

Todas essas informações confirmam que a religiosidade brasileira é grandemente sustentada por mulheres, sendo elas as que mais participam dos rituais, transmitem ensinamentos religiosos e mantêm as práticas de cuidado nos lares e nas comunidades.

3.2 A Presença Feminina nas Tradições Religiosas: Entre a Resistência, o Serviço e a Liderança

Quando falamos da Igreja Católica, falamos também de uma presença expressiva das mulheres nas comunidades, como por exemplo: liderando pastorais sociais; organizando eventos como festas, romaria e novenas; sendo catequistas; ministrando a Eucaristia; auxiliando nos serviços litúrgicos; entre outras funções que são abraçadas e realizadas. Essa presença é multiplicada principalmente nos níveis de base, permanecendo a exclusão dos ministérios ordenados, visto que oficialmente a Igreja Católica Romana mantém a ordenação sacerdotal exclusiva para o sexo masculino. Ainda assim vemos cada vez mais religiosas e leigas a frente de lutas sociais, educação, saúde e defesa dos direitos humanos, como o exemplo das freiras, que atuam levando a presença da Igreja entre os mais desfavorecidos e auxiliando em escolas, centros de apoio, hospitais e periferias.

É notório que o compromisso com a justiça social age como expressão da fé de inúmeras mulheres católicas, e este compromisso ecoa na teologia feminista católica. Desse modo, surgem inúmeras teólogas que vem questionando as estruturas patriarcais da Igreja, de forma a propor uma espiritualidade que também foca na vida cotidiana das mulheres, com ênfase nas mais vulneráveis. Ivone Gebara, freira, filósofa e teóloga, atua a partir da realidade nordestina e defende uma espiritualidade libertadora que articula fé, justiça social e igualdade de gênero, mesmo diante das pressões e tentativas de silenciamento por parte de instâncias eclesiais (GEBARA, 1997). Angélica Tostes, pesquisadora e teóloga, propõe um olhar crítico sobre como o cristianismo moldou a

identidade feminina ao longo da história, questionando interpretações bíblicas e dogmáticas que ao longo do tempo legitimaram a opressão das mulheres, e apontando leituras que possuem um espaço mais libertador para elas (TOSTES, 2019). Regina Soares Jurkewicz, analisa a relação entre religião, sexualidade e controle do corpo feminino, revelando como os dogmas e práticas eclesiais influenciam o cotidiano das mulheres e defendendo que a autonomia é parte essencial da vivência da fé (JURKEWICZ, 2000). Essas autoras, mesmo que com enfoques distintos, contribuem para uma teologia que reconhece a vitalidade da experiência feminina na construção de uma Igreja mais justa e comprometida com a vida.

Atualmente, uma das expressões religiosas mais dinâmicas do Brasil são as igrejas evangélicas, de forma especial as de tradição pentecostal, e o que tem proporcionado o crescimento dessas igrejas é a presença feminina em grande escala. Estudos como os de André Corten (1996) destacam que as mulheres são a maioria nos grupos de oração, nos trabalhos de evangelização e na promoção de ações sociais, sendo elas as maiores responsáveis por evangelizarem os lares e converterem as pessoas. Porém, apesar dessa participação, nas denominações mais tradicionais a ordenação feminina ainda é vetada. Muitos papéis de apoio são sugeridos, como: obreiras, diaconisas e missionárias, mas nenhum deles possui acesso total à liderança da comunidade como é o ministério pastoral. Ainda assim, espaços de fortalecimento social e sororidade são desenvolvidos em movimentos voltados somente para mulheres, como exemplo congressos, cultos, encontros de oração e eventos de evangelização, promovendo escuta, liderança e acolhimento. Os discursos muitas vezes são marcados pela idealização de uma mulher virtuosa e submissa, mas mesmo dentro dos limites impostos pela doutrina há muitas mulheres evangélicas que moldam seus papéis e utilizam sua fé para fins de reconhecimento social e voz pública ativa (CORTEN, 1996).

Uma lógica diferente e já mencionada no texto, está presente nas religiões afrobrasileiras, onde a liderança espiritual feminina é muito reconhecida e valorizada. As mulheres chegam a ocupar o posto mais alto da hierarquia religiosa, sendo conhecidas como mães-de-santo ou iyalorixás, são detentoras de muito axé e de conhecimento da ancestralidade. A autoridade dada a elas não é infundada, é necessário tempo de iniciação, zelo pela comunidade e sabedoria ancestral, pois ao conduzirem rituais e repassarem seus conhecimentos devem cuidar daqueles que iniciam e continuar o trabalho com a comunidade. É importante ressaltar que nestas religiões o corpo feminino é repleto de poder espiritual e não motivo de pecado. (LANDES, 2002; PRANDI, 2005; SILVA, 1995).

Há sem dúvidas a preservação de uma cultura e a demonstração de empoderamento feminino dentro das tradições afro-brasileiras, mas infelizmente devido a maioria das mulheres serem negras e periféricas há o enfrentamento de um racismo religioso e da marginalização social. A liderança feminina nos terreiros é uma junção de fé, cultura e uma busca incessante para que seus direitos sejam respeitados. Essas mulheres carregam resistência por onde passam e se sobressaem em meio a crescente intolerância religiosa. (LANDES, 2002; PRANDI, 2005).

Contudo, independente da tradição religiosa, sempre haverá algo ou alguém tentando silenciar e impedir que essas mulheres criem seus espaços de espiritualidade e transformação, mas também sempre haverá disposição por parte de cada uma para continuar lutando por suas práticas religiosas, expressando devoção ao sagrado através do feminino e buscando uma fé mais justa.

3.3 A Espiritualidade no Silêncio do Lar e da Luta

A espiritualidade da mulher nasce no cotidiano, de forma sutil, mas com grande potência de transformação. Gestos como acender uma vela para algum pedido de cura ou proteção, rezar um terço, cuidar da família e até celebrar a vida, são carregados de sentimento que trazem sentido para suas vidas.

A partir do dia-a-dia a fé surge como alicerce em meio a luta diária, sustentando a vida em meio a sobrecarga física e emocional. Podemos refletir a partir de um exemplo: uma mulher, mãe solo, acorda cedo para preparar o café da manhã, organizar a mochila do filho e levá-lo à escola. Enfrenta longas horas de deslocamento em transporte público, muitas vezes lotado, sendo necessário dividir o tempo entre o trabalho, que lhe garante uma renda mínima para manter a casa, e, quando possível, um curso noturno que represente a esperança de um futuro melhor. Ao retornar para casa, já à noite, ela ainda precisa ajudar o filho com as tarefas escolares, preparar

o jantar, cuidar minimamente da casa e, só então, pode cuidar de si mesma, se alimentar e tomar um banho para enfim poder descansar. Esse ciclo se repete diariamente, gerando momentos de exaustão, incertezas e solidão, e, quando se passa por situações como essa há uma necessidade de apoio emocional que forneça sustento, e ali encontra-se o poder divino ou a religião. A fé começa a servir como uma força invisível, por exemplo com uma oração silenciosa no ônibus ou um louvor cantado baixinho como forma de acalento. Essa mulher não é apenas mãe, é trabalhadora, filha, vizinha, amiga, e muitas vezes também é vítima de violência, abandono ou negligência social. Sua espiritualidade se encarna nas pequenas práticas que a sustentam no cotidiano e a aproximam do sagrado, se tratando de uma religiosidade vivida no corpo e no ritmo da vida, de modo a ressignificar o cansaço como um sacrifício. Compreender essa espiritualidade diária é essencial para percebermos a importância da religião, que vai além de um conjunto de crenças e se torna meio de sobrevivência e dignidade na vida de inúmeras mulheres brasileiras que passam por situações de desigualdades estruturais e encontram na fé uma fonte de coragem e sentido.

4. As Mulheres no Diálogo Interfés: Vozes, Pontes e Práticas Compartilhadas

O diálogo interfés é o diálogo sobre as diferentes formas de viver a fé, e ele tem se tornado um campo transformador para as relações religiosas. Se distingue do diálogo interreligioso porque prioriza as experiências espirituais reais e cotidianas e a escuta ativa, indo além dos discursos das instituições e seus dogmas. O diálogo interfés surge da vivência cotidiana da fé, onde há a manifestação de cuidado, solidariedade e resistência, levando a um encontro de espiritualidade compartilhada e não de religiões organizadas. As mulheres têm conquistado nesse campo os papéis de protagonistas e mediadoras, o que acontece de forma natural devido as suas experiências em exercer o zelo e a compaixão nas práticas religiosas que são designadas, acarretando uma disposição maior de derrubar os muros criados pela sociedade (TOSTES; RIBEIRO, 2024).

4.1 A Fé que Acolhe: Mulheres no Cotidiano do Diálogo entre Crenças

O diálogo interfés é vivido através do respeito e transformação, com foco no contato entre as pessoas de diferentes expressões de fé, e não necessariamente tendo que estar ligada a alguma instituição. Isso auxilia na criação de um diálogo único, mesmo que entre pessoas com crenças diferentes, e isso se deve a ponte que surge com outras tradições e experiências.

Todos temos convivência diária com outras fés, ainda mais em um país plural como o Brasil, e a partir daí muitas mulheres colocam o diálogo interfés em ação, sempre liderando em prol de uma vida sem exclusão. Esse diálogo acontece por exemplo com uma mãe católica que ora junto com sua filha umbandista, com um movimento ecumênico onde uma mulher evangélica partilha junto com uma mulher mulçumana ou até com um grupo de oração entre mães que compartilham diferentes religiões.

Cada vez mais mulheres contribuem para que a haja a inclusão da diversidade na fé, seja por meio da oração, da liturgia ou de um espaço de convivência. Cada encontro acontece através da partilha da vida e da fé vivida no dia-a-dia, seja através da dor, da alegria, do medo ou da esperança, tornando visível como a espiritualidade feminina possui potencial de transformação e não cede a imposição das doutrinas. Essa espiritualidade expressada num cotidiano de desigualdades, discriminação e violência tem levado as mulheres em uma busca pela paz, justiça e solidariedade independentemente de sua tradição, e essa sabedoria espiritual feminina é essencial para a evolução do diálogo interfés como prática de paz.

4.2 A Espiritualidade como Ponte Inter-Religiosa e a Busca por Justiça de Gênero

Surgem no mundo algumas iniciativas de diálogo interfés conduzidas por mulheres, trazendo experiências que demonstram sua força, dedicação e zelo diante do pluralismo religioso. Essas experiências de espiritualidade abrem espaço para o diálogo, acolhimento e reconhecimento do sagrado, proporcionando que cada mulher reconheça dentro de sua trajetória o sagrado que habita. Como observa Linda Woodhead (2013), essa espiritualidade feminista emergente é vivida no cotidiano, marcada pela resistência e pela busca por novos modos de sentido que escapam ao controle das grandes instituições religiosas, priorizando experiências concretas de cuidado e solidariedade. Há a possibilidade de recomeços e aprendizados, não sendo necessário se moldar por algo ou alguém além de si mesma. Sendo assim, essa fé surge como uma esperança e proporciona libertação e cura, além de unir todas as envolvidas.

A Rede de Mulheres de Fé pela Paz é um exemplo inspirador, onde uma rede global formada por mulheres de inúmeras tradições religiosas articula espiritualidade e ação social, criando redes de apoio e cuidado, combatendo a violência e fortalecendo o protagonismo feminino de forma inter-religiosa (Religions for Peace, Women of Faith, s.d.).

Atualmente temos também em diversos países latino-americanos teólogas que dispõem de diferentes fés promovendo encontros para a reflexão de temas dentro da espiritualidade, como por exemplo a opressão e a libertação. Aquino enfatiza que a teologia deve articular a fé a partir da experiência de vida, e não como meras abstrações, e destaca a relevância da espiritualidade cotidiana no fortalecimento de práticas de justiça e transformação social (AQUINO, 1992).

Já a Marcha das Mulheres de Axé acontece em diversas regiões do Brasil e reúne mulheres de religiões de matriz africana para dialogar em defesa da liberdade religiosa e do respeito à diversidade. No V Encontro Nacional de Mulheres de Axé, realizado nos dias 30 e 31 de maio de 2025, em Salvador, pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO) em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Bahia, participaram mais de 150 lideranças de axé — ialorixás, ekedis e iabassês — de 22 estados e do Distrito Federal, além de convidadas de outras tradições religiosas. Com o tema “O matriarcado na luta pela democracia, pelos direitos sociais e justiça climática”, o evento promoveu reflexões sobre feminismo, racismo religioso, segurança alimentar e racismo ambiental, fortalecendo a espiritualidade como forma de resistência comunitária (Bahia, 2025).

O diálogo interfés quando promovido por mulheres se torna profundamente político e teológico, tendo como objetivo que as práticas religiosas respeitem a dignidade de cada mulher de forma a serem mais inclusivas e libertadoras. Não se trata somente de uma busca por tolerância religiosa e sim por justiça de gênero, afim de transformar as estruturas religiosas que agem de forma desigual quando se trata do feminino. O diálogo interfés também é lugar de uma reinvenção espiritual (TOSTES; RIBEIRO, 2024).

“Ao mesmo tempo, a prática dialogal requer um espírito de abertura, hospitalidade e cuidado entre as pessoas e comunidades. Da mesma forma, são oportunidades singulares de aprofundamento das lutas e pautas antirracistas e anti-machistas, dentro do escrito dialogal de alteridade, de inclusão e de respeito à diversidade e à diferença” (TOSTES; RIBEIRO, 2024, p. 67-68).

Algumas práticas podem ser realizadas para que haja a possibilidade de uma justiça de gênero dentro das tradições religiosas, como exemplo: o questionamento de doutrinas que subestimam as mulheres, o resgate de figuras femininas que foram esquecidas nos textos sagrados, a denúncia de abusos religiosos e manipulação espiritual e até mesmo a sugestão de novas formas de liderança e rituais.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa se propôs a refletir sobre a presença das mulheres nas práticas e no cotidiano religioso, a partir da provocação contida na frase: “Lugar de mulher é onde Deus quiser.” Essa afirmação é mais do que um simples título, ela carrega a resistência diante dos discursos e práticas que historicamente impuseram limites sobre o lugar da mulher dentro das religiões. A partir dessa frase, investigamos como as mulheres apesar da opressão e exclusão sofrida, continuam ocupando esses espaços e os ressignificando com muita coragem e fé.

Partimos do reconhecimento de que a fé religiosa na vida das mulheres pode assumir, ao mesmo tempo, uma ferramenta de opressão e uma fonte de empoderamento. Sistemas patriarcais religiosos ainda persistem impondo silêncio, submissão e papéis limitantes às mulheres, mas, olhando por outro ângulo a espiritualidade tem sido um lugar em que elas encontram sentido e pertencimento, alcançando a força interior e transformando a realidade até então imposta.

Ao longo deste trabalho, notamos como a vivência religiosa no Brasil é marcada pela forte presença das mulheres, ainda que os cargos formais sejam em grande parte ocupados por homens. Elas estão nas igrejas, nos centros, nos terreiros e nas casas sustentando a espiritualidade no cotidiano ao organizarem os rituais, ajudarem na comunidade, ensinar as pessoas a caminharem na fé e cuidando dos oprimidos. Ainda que não ocupem altares seguem sendo força vital, relacional e criadora da experiência religiosa coletiva, fazendo com que a fé não seja somente crença, mas também gestos. Portanto, podemos concluir que o “lugar da mulher” nos espaços interspirituais não é determinado por dogmas, mas sim algo que elas mesmas constroem dia após dia.

Buscamos também ampliar o olhar sobre o papel das mulheres no diálogo interfés, afim de reconhecer sua centralidade em espaços onde diversas espiritualidades se encontram em partilhas de fé. Dentro dessas experiências elas são as mediadoras, líderes e cuidadoras, criando novas linguagens espirituais tornam possível que todas as mulheres atravessem as fronteiras religiosas sem ter que negar quem realmente são. Com sensibilidade e compromisso com a vida, fornecem escuta ativa e convivência pacífica, tecendo justiça a partir da fé e abrindo espaço para uma espiritualidade que acolhe e transforma.

Como podemos observar ao longo da pesquisa, o diálogo interfés não acontece apenas entre instituições religiosas formais, mas nos encontros cotidianos entre pessoas de fé que se reconhecem em meio as dores da vida, nas lutas por dignidade, nas práticas de cura, nas ações comunitárias e na esperança de um futuro melhor. São nos gestos de cuidado, nas rodas de oração e nas redes de apoio que o diálogo entre as diferentes espiritualidades se faz presente e que a presença feminina se revela determinante. As mulheres não só participam do diálogo, mas o impulsionam e moldam a partir de seus próprios caminhos, construindo uma espiritualidade que estabelece a comunhão sem precisar apagar as diferenças.

A partir das reflexões, experiências e dados apresentados ao longo deste trabalho, compreendemos que fortalecer a presença feminina no campo religioso e no diálogo entre diferentes tradições de fé exige ações concretas e articuladas. Algumas iniciativas fundamentais são: o incentivo à formação teológica de mulheres, especialmente daquelas que pertencem a diversas tradições religiosas; a criação de espaços de diálogo interfés liderados por mulheres, que permitam a articulação de vários temas; fornecer visibilidade às práticas, narrativas e saberes femininos, como forma de reconhecer a espiritualidade como um campo também construído por elas; estimular pesquisas interdisciplinares que abordem a relação entre espiritualidade e gênero, colaborando para a desconstrução de estereótipos e abrindo novas possibilidades de compreensão da fé; e o fortalecimento de redes de apoio entre mulheres de diferentes fés, afim de construir espaços baseados na solidariedade e conectados com os desafios do presente.

Por fim, espero que as espiritualidades vividas através do feminino continuem iluminando o caminho de todos os que buscam um sentido profundo para a vida por meio da fé, e que as religiões do futuro sejam menos um lugar de opressão e cada vez mais um espaço de liberdade.

Referências

AQUINO, María Pilar. **Nuestro clamor por la vida**: Teología latinoamericana desde la perspectiva de la mujer. San José: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1992.

BAHIA. Mulheres de Axé de várias regiões do Brasil discutem democracia, justiça climática e direitos sociais durante encontro em Salvador. **Portal do Governo da Bahia**, Salvador, 30 maio 2025. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/mulheres/noticias/2025-05/7467/mulheres-de-axe-de-varias-regioes-do-brasil-discutem-democracia-justica>. Acesso em: 14 ago. 2025.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese**: as comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja. Petrópolis: Vozes, 1986.

- CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. **O espiritismo no Brasil**: uma religião brasileira. São Paulo: Ática, 1987.
- CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GEBARA, Ivone. A Teologia da Libertação e as mulheres. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 23, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/703/70363367035/70363367035.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- GEBARA, Ivone. **Romper o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. Petrópolis: Vozes, 1997.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**: características gerais da população, religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 ago. 2025
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: características gerais da população, religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 ago. 2025
- JURKEWICZ, Regina Soares. **Entre dogmas e direitos**: religião e sexualidade. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2000.
- JURKEWICZ, Regina Soares. **Quem controla as mulheres?**. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2011.
- KWOK, Pui-lan. **Postcolonial imagination and feminist theology**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2005.
- LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.
- PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- RELIGIONS FOR PEACE. Women of Faith. [S. l.]: **Religions for Peace**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.rfp.org/where-we-work/women-of-faith/>. Acesso em: 13 ago. 2025
- RUBIO, Ana Maria Tepedino. **Mulheres e religião**: uma abordagem teológica. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da metrópole**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TOSTES, Angélica. **Mulheres e cristianismo**: reconstruindo identidades. Belo Horizonte: Editora Senso, 2019.
- TOSTES, Angélica; RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **Diálogos plurais e para além do religioso**: as vivências interfés como interpelação crítica à formalidade dos diálogos inter-religiosos. Rio de Janeiro: Recriar, 2024.
- WOODHEAD, Linda. **Feminist spirituality in everyday life**: insights on how everyday spiritual practices by women resist institutional norms. Cuadernos de Teología Feminista, 2013.